

Veículo: O Liberal

Caderno/Coluna: Mulher

Assunto: Entrevista Deputada Lourdes Lima

Data: Domingo, 27 de dezembro de 1998



Lourdes Lima nasceu no município de Irituia, na região Nordeste do Pará, e formou-se em pedagogia. Durante vários anos dedicou-se ao trabalho voltado para as comunidades de base da região, através da Empresa de Assistência Técnica e Rural do Estado do Pará (Emater). Isso aconteceu há cerca de dez anos. Hoje, Lourdes Lima é deputada estadual eleita para o segundo mandato. Dentro do seu partido, o PSDB, foi a mais votada no último pleito, com 21.718 votos. Entre uma eleição e outra, sua votação cresceu 123%. A parlamentar falou sobre sua trajetória ao Cadê a Mulher.

■ **Como você ingressou na carreira política?**

□ Sempre fiz um trabalho ligado às comunidades de base em Irituia, onde nasci. Naquela época, eu era técnica da Emater. Realizávamos uma espécie de militância ligada à paróquia do município. A cidade vivia problemas sérios em função da injustiça social. Os grupos políticos sempre brigaram em torno dos seus próprios interesses. Em 84, o prefeito de Irituia, José Leônidas, foi assassinado em Mãe do Rio. Começamos a brigar contra as injustiças, mas o meu ingresso na política tem muita influência do padre Antônio Melo, que era pároco da cidade. Ele me fez um desafio porque achava que o nosso trabalho era interessante, mas faltava iniciativa política. Depois disso eu resolvi me candidatar à prefeita.

■ **Você foi a deputada mulher mais votada em todo o Estado e também a mais votada do seu partido. Com isso, aumentou a responsabilidade?**

□ Claro. Tive um aumento muito considerável do número de eleitores, um percentual de 123%. Embora eu tenha mais experiência do que no início do mandato, aumentou o compromisso e, como consequência, vou precisar trabalhar ainda mais. Acho que o segredo dessa votação vem da preocupação constante com a comunidade de base. Nunca precisei oferecer nada em troca de voto. Pelo contrário, as pessoas trabalham voluntariamente na minha campanha, desde as mais humildes até as que vivem em melhores condições. Na primeira eleição que venci em Irituia houve uma verdadeira renovação, não só na prefeitura como na Câmara Mu-

nicipal. Acho que esse trabalho do dia-a-dia reflete no resultado da eleição.

■ Nas últimas eleições, a nível nacional, diminuiu a participação das mulheres no Congresso. Você acha que tem sido mais difícil conquistar espaço na política do que em outros setores?

□ Em primeiro lugar, pelo medo das próprias mulheres. Muitas têm até mais capacidade do que alguns políticos que estão aí, no entanto, esbarram em obstáculos e acabam desistindo. Às vezes, os problemas começam dentro da própria família, que tem um papel fundamental para apoiar a decisão. Até pela questão cultural é preciso estar preparada para enfrentar preconceitos, mas à medida que começamos a nos destacar a credibilidade é inevitável.

■ Mesmo com todos os problemas, as mulheres que vivem na zona rural estão tentando algumas formas de or-

ganização, não só no Pará como no resto da Amazônia. Você acha que esse é um caminho que pode trazer mais participação?

□ Acho que esses movimentos são de fundamental importância. Comecei trabalhando com mulheres da área rural e fui ligada ao sindicato. A organização é muito importante e ajuda a descobrir lideranças. Além disso, tem todo um processo de formação que é essencial. Na minha região surgiram muitas personagens importantes dessa maneira. No momento em que houve necessidade, conseguimos partir para a prática.

■ Como você conseguiu conciliar a vida familiar à política?

□ Sou casada e tenho quatro filhos que agora já estão grandes. Mas quando comecei, há dez anos atrás, tive que ter muito jogo de cintura. Minha família já está acostumada. No início foi mais complicado porque tive que redobrar a atenção, tanto em casa como no trabalho. Passo os finais

de semana, geralmente, viajando pelo interior. Se não fosse a compreensão deles, talvez eu não tivesse conseguido chegar aqui.

■ Para você, quais são os problemas que o Pará precisa resolver com urgência?

□ Uma das prioridades era a organização administrativa, que o governo do Estado já está conseguindo efetivar. As rodovias e hidrovias também são muito importantes em função do acesso e do escoamento da produção, que trazem novos empregos. Para haver a verticalização do emprego, também é necessário que haja energia.

■ O que você gosta de fazer quando não está trabalhando?

□ Por incrível que pareça sempre estou trabalhando. Nos momentos de folga geralmente viajo, até porque as pessoas cobram mesmo a presença dos políticos que elegeram. Sou muito sensível a essa necessidade de atenção. Depois das eleições já viajei até a lugares que não tinha visitado na época da campanha. Em Tucumã e Chaves, por exemplo, fui agradecer a votação expressiva que tive, mesmo sem ter ido por lá. Nas poucas horas que sobram gosto de ler e estudar.

**“Muitas
mulheres
esbarram em
obstáculos e
acabam
desistindo da
política”**